



Horizonte de la Ciencia

ISSN: 2304-4330

ISSN: 2413-936X

horizontedelaciencia@gmail.com

Universidad Nacional del Centro del Perú

Perú

Cunha Menezes, Juliana

Relações entre linguística aplicada, comunidades multilíngues, pós-estruturalismo e tradução

Horizonte de la Ciencia, vol. 5, núm. 8, 2015, Marzo-Julio, pp. 9-22

Universidad Nacional del Centro del Perú

Perú

DOI: <https://doi.org/10.26490/uncp.horizonteciencia.2015.8.116>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570960875001>

- ▶ Cómo citar el artículo
- ▶ Número completo
- ▶ Más información del artículo
- ▶ Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org  
UAEM

Sistema de Información Científica Redalyc  
Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal  
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto



# Relações entre linguística aplicada, comunidades multilíngues, pós-estruturalismo e tradução

Juliana Cunha Menezes\*

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir algumas questões da Linguística Aplicada em geral, da Linguística Aplicada na América do Norte e em comunidades multilíngues, fazendo algumas relações, em alguns momentos, com questões pós-estruturalistas e de tradução.

## Palavras-chave

Linguística aplicada.  
América do Norte.  
Comunidades  
multilíngues.  
Pós-estruturalismo.  
Tradução.

# Relations among applied linguistics, multilingual communities, poststructuralism and translation

## Abstract

This paper aims at discussing some questions from Applied Linguistics in general, from Applied Linguistics in North America and in multilingual communities, establishing relations, at some points, with poststructuralist and translation questions.

## Keywords

Applied Linguistics.  
North America.  
Multilingual  
communities.  
Poststructuralism.  
Translation.

Recepción: 10 de marzo de 2015 | Aceptación: 17 de mayo de 2015

\* Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e é mestre em Estudos da Linguagem pela mesma universidade. É bolsista CAPES e autora do livro *Fernando Pessoa como tradutor: análise de suas traduções poéticas feitas do inglês para o português*, fruto de sua dissertação de mestrado, publicado em 2014 pela editora Novas Edições Acadêmicas. E-mail: jcmrestless@gmail.com.

# Linguística Aplicada: estudos relacionados à linguagem e ao social

Segundo Schmitt e Celce-Murcia, Num sentido amplo, a linguística aplicada preocupa-se com o crescente entendimento em relação ao papel da linguagem nos assuntos humanos e, assim, em proporcionar o conhecimento necessário para aqueles que são responsáveis por tomar decisões relacionadas à linguagem, seja na sala de aula, no ambiente de trabalho, ou no laboratório. (Shmitt e Celce-Murcia, 2002 p. 1, tradução nossa)<sup>1</sup>

As pesquisas inseridas na Linguística Aplicada pode ajudar a resolver e/ou problematizar questões relacionadas à linguagem e ao social. Por isso, a Linguística Aplicada junta teoria e prática em suas pesquisas:

A experiência nos mostra com clareza que uma teoria capaz de instruir a prática é teoria feita levando-se em conta condições práticas das situações concretas em que se espera a teoria ser aproveitada. Uma teoria que considera o social como questão secundária jamais terá êxito num campo de prática que seja, antes de qualquer outra coisa, social. (Rajagopalan, 2006 p. 159)

Como os linguistas aplicados lidam diretamente com diferentes questões ligadas à linguagem e ao social, eles utilizam, além das teorias da Linguística, teorias também da Sociologia e da Antropologia, por exemplo, o que confere caráter interdisciplinar à Linguística Aplicada.

Os pesquisadores em Linguística Aplicada (LA) não se alinham à figura do cientista que seria “um ser mítico que se impõe por sua tarefa de buscar a ‘verdade objetiva’ a respeito da realidade de que o cerca, ‘descobri-la’ ou dela se aproximar” (Coracini, 2003 p. 19). O linguista aplicado não busca “descobrir” uma “verdade objetiva” em sua pesquisa, não se vê como um cientista “[...] impessoal, objetivo, capaz de criar, como por magia ou gênio, teorias altamente explicativas, tendendo ao universal [...]” (Coracini, 2003 p. 20), ele apenas busca compreender, problematizar e / ou resolver uma questão social em uma situação local, específica, sem visar, necessariamente, o universal. Para complementar essa ideia, podemos dizer que:

[...] tem havido uma percepção crescente em meio à comunidade de pesquisadores de que, com frequência as teorias concebidas em termos globais --- isto é, sem se preocupar com as especificidades locais, pouco ou nada contribuem para solucionar problemas encontrados na vida real. Holliday (1998), por exemplo, nos alerta para a necessidade de reconhecer uma distinção entre dois conceitos de cultura --- a saber, a “grande cultura” (*large culture*) e “pequena cultura” (*small culture*), acrescentando que a validade de nossas teorias são postas à prova no contexto das pequenas culturas. Em termos práticos, isso significa que nem sempre as propostas teóricas *in vitro* têm utilidade em condições específicas. Em trabalho anterior, Holliday (1992) compara a aplicação de teorias a contextos específicos ao transplante de órgãos --- o sucesso da teoria, do transplante depende da aceitação pelo corpo hospedeiro. Por exemplo, de nada adiantam os méritos intrínsecos de uma proposta de renovação curricular se, após a implantação, ela “não se transforma em parte efetivamente funcional do sistema” (Hoyle, 1970 p. 2 *apud* Rajagopalan, 2006 p. 164).

<sup>1</sup> Todas as citações retiradas de textos em língua inglesa foram traduzidas por mim.

Para a LA, uma dada teoria pode funcionar muito bem em uma situação, mas pode não funcionar em outra. O tradutor poético trabalha de maneira semelhante. Explicarei a seguir.

De acordo com Britto,

Temos consciência de que o texto poético trabalha com a linguagem em todos os seus níveis – semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos, entre outros. Idealmente, o poema deve articular todos esses níveis, ou pelo menos vários deles, no sentido de chegar a um determinado conjunto harmônico de efeitos poéticos. (Britto, 2002 p. 54)

Como o texto poético “trabalha com a linguagem em todos os seus níveis – semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos, entre outros”, o tradutor de poesia deve se esforçar ao máximo para recriar, na tradução, os aspectos mais relevantes de cada um desses níveis. Como cada poema é um poema, esses aspectos mais relevantes irão variar e, assim, as técnicas de tradução também. Vamos observar um exemplo na próxima seção.

## O tradutor poético e o linguista aplicado<sup>2</sup>

But now, <b>in courtliest modes of cultured grace</b> , He glories in the growth of good, his glance Beaming benignant as he bids us trace (Frank Marzials) <b>ENXUGAMENTO</b>	Mas agora, <b>com culta cortesia</b> , 'stima do bem o aumento, e o seu olhar Brilha benigno, e aponta em tudo o dia (Fernando Pessoa)
--	---

Temos aqui o primeiro terceto do poema “The last metamorphosis of Mphistopheles”, de Frank Marzials, e a tradução de Pessoa. A análise que se encontra neste trabalho concentra-se somente no nível semântico-lexical.

Na tradução do primeiro verso, acreditamos (eu e professor Paulo Britto) que Pessoa utilizou uma técnica de tradução que “resume”, “enxuga” as ideias do original, que chamamos de ENXUGAMENTO: “in courtliest modes of cultured grace” (*nos modos mais corteses da graça culta*) foi traduzido por “com culta cortesia”.

When the angelus is ringing, Near the convent will you walk, And recall the choral singing Which brought angels down our talk? Spirit-shriven I viewed Heaven, Till you smiled--"Is earth unclean, Sweetest eyes, were ever seen?" (Elizabeth Barret Browning) <b>EXPLICITAÇÃO</b>	Quando o angelus toca à oração, Não passarás ao pé deste convento, Lembrando-te, a chorar, do cantoção Que anjos traziam-nos do firmamento? No ardor meu Eu via o céu E tu: "O mundo é vil, ó meus desvelos, Ao lindo ser dos vossos olhos belos?" (Fernando Pessoa)
---	--

<sup>2</sup> Esses trechos de poemas foram retirados da minha dissertação. Os poemas inteiros podem ser encontrados neste trabalho, nos Apêndices. A referência da minha dissertação estará nas Referências.

Temos aqui a décima primeira estrofe do poema “Catarina to Camoens”, de Elizabeth Barret Browning e a tradução de Pessoa. A análise que se encontra neste trabalho concentra-se, também, somente no nível semântico-lexical.

Na tradução do primeiro verso, acreditamos (eu e professor Paulo Britto) que Pessoa utilizou uma técnica de tradução que explicita as ideias implícitas no original, que chamamos de EXPLICITAÇÃO: “When the angelus is ringing” (*Quando o ângelus soa*) foi traduzido por “Quando o ângelus toca à oração” – o soar do ângelus é uma chamada para a oração.

Ao ler minha dissertação, podemos dizer que a técnica de tradução “EXPLICITAÇÃO” pode ter sido aplicada na tradução do poema de Browning, mas não observamos essa técnica na tradução do soneto de Marzials. Já a técnica de tradução “ENXUGAMENTO” pode ser sido aplicada na tradução do soneto de Marzials, mas não observamos essa técnica na tradução do poema de Browning.

A partir disso, podemos dizer que não há uma “fórmula geral” de tradução poética, que servirá para a tradução de TODOS os poemas, assim como não há uma “teoria geral” que dê conta de TODAS as situações que a LA objetiva estudar. Tanto linguistas aplicados, quanto tradutores poéticos, precisam de ferramentas diferentes para poder lidar com diferentes situações.

## A Linguística Aplicada na América do Norte

Em relação à Linguística Aplicada na América do Norte, podemos discutir Grabe (2004). Segundo esse autor, a educação bilíngue tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos

[...] é uma área dentro da Linguística Aplicada (e fora dela também) que gera grandes debates e discussões. No Canadá, os diversos programas que visam a imersão do francês e também o desenvolvimento das línguas de herança<sup>3</sup> são uma fonte recorrente de pesquisa em aquisição de segunda língua, ensino de língua, e currículo [...]. No Canadá, há grande apoio do governo e da comunidade para o bilinguismo e educação bilíngue. A situação é muito mais complexa e menos favorável para o bilinguismo nos EUA, onde a educação bilíngue está claramente na defensiva. (Grabe, 2004 p. 115)

Pesquisas dentro da LA podem melhorar o entendimento em relação à questão do bilinguismo nos EUA e, quem sabe, até colaborar para uma maior aceitação da educação bilíngue nesse país. Uma questão que desperta o interesse de pesquisadores em LA é a manutenção de línguas minoritárias em comunidades dos EUA:

Nos EUA, pelo menos, é muito difícil reverter o processo de mudança de língua uma vez que isso já tenha começado a tomar conta de uma comunidade minoritária.<sup>4</sup> Podemos observar vários exemplos de mudança de língua nos EUA, desde populações hispânicas na Califórnia, e populações porto-riquenhas em Nova York, até populações nativas do oeste americano [...].

3 Em um país em que se fala inglês, uma língua de herança é qualquer outra língua, que não seja inglês, mas que seja a principal língua que um indivíduo aprende quando criança. Disponível em <http://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/heritage-language> (tradução nossa).

4 “A mudança de língua” é um processo em que membros de uma comunidade na qual mais de uma língua é falada abandonam sua língua vernácula original em favor de uma outra. Disponível em <http://rstb.royalsocietypublishing.org/content/365/1559/3855.full> (tradução nossa). No caso em questão, comunidades minoritárias passam a falar somente inglês.

Em face das pressões extremas da propagação do inglês na América do Norte, vários autores falam sobre a crescente necessidade de manutenção de língua e de revitalização de língua, especialmente a exemplo do livro *Reversing Language Shift* (1991) de Fishman. Enquanto esse livro explora questões de manutenção e renovação de língua em muitos contextos do mundo todo, ele também alguns contextos específicos dos EUA. Desde então, discussões sobre a manutenção de línguas de imigrantes e de nativos na América do Norte têm sido relatadas em diversas publicações [...]. Na maioria dos casos, na América do Norte, mudança de língua em comunidades de imigrantes e de nativos provou ser muito difícil de reverter a longo prazo. (Grabe, 2004 pp. 119-120)

Pesquisas em LA podem buscar uma melhor compreensão desse processo de mudança de língua para, talvez, ajudar a revertê-lo.

Segundo Canagarajah (1999),

A língua inglesa tem um histórico de imposição por razões políticas e materiais na maioria das comunidades periféricas, muitas vezes em competição com línguas nativas. Toda essa questão ainda está profundamente implicada em lutas por dominância contra outras línguas, com implicações conflitantes para a construção de identidade, comunidade e cultura das pessoas locais. (p.57)

Acredito que a língua inglesa, hoje em dia, é uma língua global que ainda preserva muito de sua força colonialista, imperialista, de dominância, principalmente nos EUA. Para que a LA trabalhe com eficiência nesse país, em relação ao bilinguismo e línguas minoritárias, por exemplo, os linguistas aplicados devem ter isso em mente.

O uso da língua em contextos profissionais, mais especificamente, contextos médicos, vem sendo muito estudado pela LA norte-americana, pois “a linguagem médica pode ser vista, muitas vezes, como interpretativa, envolvendo narrativas que explicam a situação de um paciente, a interpretação de um médico, ou a nova identidade de um paciente [...]” (Grabe, 2004 p. 120-121).

O estudo da interação médico-paciente pode ajudar o médico a conversar com o paciente sobre um importante diagnóstico, por exemplo. Acredito que um dos problemas que os linguistas aplicados enfrentam ao fazerem pesquisa na área médica é convencer os médicos de que a LA pode ser muito útil para eles. Para isso, os linguistas aplicados devem assinalar que a LA pode ajudá-los a lidar com diferentes tipos de situação a partir do momento que eles próprios tiverem consciência acerca da importância da linguagem e da interação para o seu ofício. Os tradutores também passam por situações semelhantes:

Uma especialista em comunicação que estava fazendo pesquisa de mercado para um fabricante reclamou que sua empresa tinha tido muitos problemas para traduzir o questionário. Os problemas foram tantos que eles acabaram procurando um engenheiro para fazer o trabalho. É claro que, no final das contas, as pessoas que deviam preencher o questionário não entendiam as perguntas! Quando eu perguntei se eles tinham considerado usar um tradutor, ela me olhou de modo desconcertado. ‘Um tradutor?’ (Simcovich, 2002 p. 25)

O senso comum acredita que, qualquer um que saiba uma segunda língua, pode traduzir: “Ouço sempre este comentário, dirigido a ex-estudantes de intercâmbios: ‘Você não

aprendeu inglês? Então, por que não 'vira' tradutor? Deve ser fácil - e parece que dá um bom dinheirinho..." (Levy, 2001 p. 2). Provavelmente o engenheiro do caso de Simcovich sabia sua língua nativa e mais uma outra língua, e isso, para o senso comum, já seria o suficiente para que ele estivesse apto a traduzir. Contratar um tradutor nem passou pela cabeça da especialista em comunicação. No caso da LA, contratar um linguista aplicado para auxiliar no entendimento da interação médico-paciente pode parecer algo desnecessário para muitos médicos. Podemos observar que o trabalho do linguista aplicado, assim como o do tradutor, por vezes não é reconhecido.

## Comunidades multilíngues

De acordo com Canagarajah (2007), "A diversidade linguística está no coração dessas comunidades multilíngues. Há constante interação entre diferentes grupos de língua, e elas se sobrepõe, se interpenetram, e se entrosam de maneiras fascinantes" (p. 930). Segundo esse autor, o multilinguismo é tão forte nessas comunidades que é difícil identificar qual seria a língua nativa desses indivíduos, pois eles desenvolvem o multilinguismo na infância, o que dificulta definir qual seria a primeira língua. Nesse intenso e constante contato entre as línguas, elas "são influenciadas umas pelas outras, perdendo sua pureza e aspectos que as separam bem umas das outras" (Canagarajah, 2007 p. 931). Devido a essa mistura de línguas, o autor se pergunta como classificámos e rotularíamos as línguas quando há toda essa mistura; como as descreveríamos, sem tratá-las como sistemas autossuficientes, independentes; como definiríamos o sistema de uma dessas línguas sem a autonomia, encerramento, compacidade, que impediriam a abertura para outras línguas. Podemos dizer que o que observamos em comunidades multilíngues nos impediria de pensar a língua como um sistema fechado, autocontido, como está definido em Saussure (1972). Podemos dizer que, nesses contextos multilíngues, há diversos "sistemas abertos" se misturando e interagindo.

Canagarajah também se pergunta como esses indivíduos multilíngues produziriam significado no aparente caos de variados sistemas de comunicação. Sobre isso, o autor afirma que

Os participantes em uma interação produzem significado e alcançam seus objetivos comunicativos em relação a seus propósitos e interesses. Nesse sentido, o significado é socialmente construído, não é preexistente. *O significado não reside na língua; ele é produzido na prática.* (Canagarajah, 2007 p. 931, grifo nosso)

Podemos encontrar uma ideia semelhante a que está grafada na citação no ideário pós-estruturalista. Na próxima seção, faremos um diálogo entre alguns pressupostos do Pós-Estruturalismo e algumas questões que permeiam as comunidades multilíngues.

## O ideário pós-estruturalista e as comunidades multilíngues

O ideário pós-estruturalista vai de encontro à ideia de língua como nomenclatura, exposta aqui por Santo Agostinho:

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos. (Santo Agostinho *apud* Wittgenstein, 1979 p. 27)

Wittgenstein, que poderíamos vincular ao Pós-estruturalismo, comenta essa passagem de Santo Agostinho:

Nessas palavras temos, assim me parece, uma determinada imagem da essência da linguagem humana. A saber, esta: as palavras da linguagem denominam objetos --- frases são ligações de tais denominações. – Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui. (Wittgenstein, 1979 p. 27)

Wittgenstein não se alinha com essa ideia, como veremos ainda nesta seção, mas Platão (2001) se alinha:

[...] cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes, com designá-las por determinadas vozes, de sua língua, mas que, por natureza, têm sentido certo, sempre o mesmo, tanto entre os helenos como entre os bárbaros em geral. (p. 145)

Pensar a língua como nomenclatura é pensar o significado como “único, estável, pleno e primeiro (visão imanentista e logocêntrica) [...]” (Coracini, 2003 p. 21). Nesse sentido, podemos retomar o “círculo da fala” de Saussure, em que os participantes da interação são passivos, e a interação é vista como decodificação dos sentidos estáveis da fala. Sob essa visão, o significado “mora” na palavra, na língua. Nas comunidades multilíngues, o significado é negociado na interação, ele não pertence à língua, e os participantes são *agentes*, não são meros decodificadores de significados:

[...] Synergy captura a agência criativa que os participantes devem exercer para trabalhar em conjunto com o outro participante para alcançarem o significado intersubjetivo. *Seren-dipity* envolve uma transformação de atitude. Para aceitar desvios como a norma, o indivíduo deve ter uma atitude positiva em relação a variações e estar aberto ao inesperado. Os participantes têm de ser radicalmente centrados no outro. Eles têm de ser imaginativos e alertas para tomar imediatas em relação às formas e convenções empregadas pelo outro. Está claro que a comunicação em comunidades multilíngues envolve um conjunto de práticas diferente daquele envolvido em interações em comunidades monolíngues. (Canagarajah, 2007 p. 931)

O que podemos observar em interações multilíngues é um “jogo de linguagem”, e “cada jogo tem suas próprias regras, que servem apenas para aquele jogo e não para outro” (Grigoletto, 2003 p. 32). As regras do “jogo de linguagem” das comunidades multilíngues é diferente das quelas das comunidades monolíngues. Essa ideia do “jogo da linguagem” vem de Wittgen-

tein, (1979). Para esse filósofo, nossas interações são todas diferentes “jogos de linguagem”. Não há significados essenciais às palavras, às línguas, pois o significado é negociado no “jogo”. Como já foi dito aqui, cada jogo tem suas regras, e essas regras só existem quando são jogadas, elas não são preexistentes. Quando não entendemos a pergunta de alguém, quando não entendemos sarcasmos, brincadeiras, por exemplo, é porque não soubemos dar o próximo lance naquele determinado “jogo da linguagem”. Em comunidades multilíngues, por exemplo, podemos observar bem essa questão das regras que não são preexistentes, pois há diversos tipos de interação que envolvem diversas línguas, dialetos, sotaques, formas, convenções diferentes, não há como prever o que o outro irá dizer. Desse modo, podemos dizer que as regras da interação, especialmente nesses contextos, só existem quando são jogadas, e elas serão diferentes em cada “jogo da linguagem”, em cada interação, em cada situação. Como esses indivíduos multilíngues têm de lidar muito com o inesperado, devem ocorrer ocasionais mal-entendidos nas interações, mas acredito que eles vão sempre encontrar um jeito de se comunicarem de forma eficaz, de dar o próximo lance num dado “jogo da linguagem”.

Canagarajah (2007) discute também a aquisição da linguagem nessas comunidades multilíngues:

*Mutuality* e *reciprocity* indicam os modos pelos quais os participantes alinhavam suas jogadas e estratégias em relação a seus recursos de língua. *Synergy* é o resultado desse alinhamento, quando os participantes em conjunto invocam recursos de língua e constroem coerência de forma colaborativa. A competência multilíngue é, então, um “método” de prática, que não reside somente na cognição. (p. 932)

Tal competência que lida tanto com o inesperado não pode apoiar-se somente na cognição, pois as regras de cada “jogo da linguagem” só existem no momento de cada prática, de cada interação multilíngue.

Para Canagarajah (2007), a competência multilíngue envolve a capacidade que os falantes têm para encontrar um alinhamento, um encaixe entre os recursos linguísticos que eles levam para a interação e o contexto presente de comunicação. Essa competência seria, então, a habilidade dos falantes para apresentarem diversas estratégias imediatas para cada interação e, eu complemento, para cada “jogo da linguagem”.

Acredito que o linguista aplicado que quiser problematizar a aquisição de linguagem em comunidades multilíngues deve ter em mente que, nesses contextos, segundo Canagarajah (2007), a cognição trabalha, funciona no contexto, portanto, “[...] a aquisição é uma prática social, não é um domínio separável de conhecimento, cognição, ou forma”. (p. 933)

Creio que o linguista aplicado que pretender entender como as interações em comunidades multilíngues funcionam, deve ter em mente os pressupostos pós-estruturalistas e as visões de Canagarajah expostas neste trabalho.

## Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo discutir algumas questões que permeiam a Linguística Aplicada, fazendo diálogo, em alguns momentos, com questões que permeiam a tradução e o pós-estruturalismo.

Observamos que linguista aplicado e o tradutor poético devem sempre utilizar teorias e técnicas de acordo com cada situação, pois não há uma “fórmula geral” que dê conta de TODOS os casos, e cada contexto demanda uma abordagem diferente.

Vimos também que o linguista aplicado e o tradutor passam por situações semelhantes: ambos os ofícios podem ser vistos pelo senso comum como dispensáveis. Creio que isso possa se dar devido à desvalorização dos profissionais que lidam com linguagem em geral.

Notamos também que alguns pressupostos pós-estruturalistas, principalmente os “jogos da linguagem” de Wittgenstein, permeiam o texto de Canagarajah sobre comunidades multilíngues.

A partir das exposições presentes neste trabalho, podemos dizer que Linguística Aplicada, Tradução e Pós-Estruturalismo, três áreas que, aparentemente, são tão distantes, podem se aproximar e se enriquecer com essa aproximação.

### Referências bibliográficas

- Canagarajah, S. (2007) “Lingua Franca English, Multilingual Communities, and Language Acquisition.” *The Modern Language Journal*, v. 91, December. 923-939.
- Coracini, M.J. (2003) “O cientista e a noção de sujeito na Linguística: Expressão de liberdade ou submissão”. In Arrojo, R. (org.) *O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes. 19-24.
- Grabe, W. (2004) “Perspectives in applied linguistics: A North American view”. *AILA Review*, 17. 105-132.
- Kandler, A.; Unger, R.; Steele, J. (s.d.) “Language shift, bilingualism and the future of Britain's Celtic languages”. Disponível em <http://rstb.royalsocietypublishing.org/content/365/1559/3855.full>. Acesso em 26/11/2013.
- Macmillan Dictionary*. Disponível em <http://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/heritage-language>. Acesso em 26/11/2013.
- Menezes, Juliana; Britto, Paulo Fernando Henriques. (2012) *Fernando Pessoa como tradutor*. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Platão. (2001) *Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA.
- Rajagopalan, K. (2006) “Repensar o papel da Linguística Aplicada”. In Moita Lopes, L. P. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editora. 149-168.
- Saussure, F. (1972) *Curso de linguistica geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- Shmitt, N.; Celce-Muria, M. (2002) “An Overview of Applied Linguistica”. In Shmitt, N. (Ed.) *An Introduction to Applied Linguistics*. London: Arnold. 1-16.
- Simcovich, R. (2002) “The professional image of translators and interpreters”. *The ATA Chronicle*, april. 25-26.
- Wittgenstein, L. (1953) “Investigações Filosóficas. Coleção”. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

## Apêndices

Frank Marzials e tradução de Pessoa

<p>The last metamorphosis of Mephistopheles</p> <p>Frank Marzials</p> <p>Candid he is, and courteous therewithal,      Nor, as he once was wont, in the far prime,      Flashes his scorn to heaven; — nor as the mime      Of after-days, with antic bestial      Convenes the ape in man to carnival; —      Nor as the cynic of a later time      Jeers, that his laughter, like a jangled chime,      Rings through the abyss of our eternal fall.      But now, in courtliest modes of cultured grace,      He glories in the growth of good, his glance      Beaming benignant as he bids us trace      Good everywhere — till, as mere motes that dance  <u>Athwart the sunbeams, all things evil and base</u>      Glint golden in his genial tolerance.</p> <p><b>ACRÉSCIMOS</b></p> <p><b>OMISSÕES</b></p> <p><b>MUDANÇAS</b></p> <p><u><b>NOÇÕES DIFERENTES</b></u></p> <p><b>INVERSÕES</b></p> <p><b>ENXUGAMENTOS</b></p> <p><b>DUPLICAÇÕES</b></p> <p><b>DESLOCAMENTOS</b></p>	<p>A última metamorfose de Mefistófeles</p> <p>Frank Marzials      (Tradução de Fernando Pessoa)</p> <p>Cândido está, cortês, e cordial,      Nem como em tempos primitivos ralha      Seu riso com o céu; nem chamar calha,      Qual o histrião de depois, com bestial      Esgar, o símio em nós a carnaval;      Nem, qual do cínico ulterior, cascalha      Seu riso, carrilhão que se baralha,      Pelo abismo da queda original.      Mas agora, com culta cortesia,      'stima do bem o aumento, e o seu olhar      Brilha benigno, e aponta em tudo o dia      Do bem, e, como pó no sol a ondear,      Todo o mal fulge do ouro que irradia      A sua tolerância modelar.</p>
---	--

E.B. Browning e tradução de Pessoa

<p>Catarina to Camoens</p> <p>DYING IN HIS ABSENCE ABROAD, AND REFER- RING TO THE POEM IN WHICH HE RECORDED THE SWEETNESS OF HER EYES</p> <p>I.</p> <p>On the door you will not enter, <b>I have gazed too long:</b> adieu! Hope withdraws her peradventure; <b>Death is near me,--and not you.</b> <b>Come, O lover,</b> Close and cover These <b>poor</b> eyes, you called, I ween, "Sweetest eyes, were ever seen!"</p>	<p>Catarina a Camões</p> <p>I</p> <p>P'ra a porta onde não surges <b>nem me vês</b> <b>Há muito tempo que olho já em vão.</b> A esperança retira o seu talvez; <b>Aproxima-se a morte, mas tu não.</b> <b>Amor, vem</b> Fechar bem Estes olhos de que disseste ao <b>vê-los:</b> <b>O lindo ser dos vossos olhos belos.</b></p>
--	---

<p>II. When I heard you sing that burden In my vernal days and <b>bowers</b>, Other praises disregarding, I but hearkened that of yours-- <b>Only saying</b> In heart-playing, “Blessed eyes mine eyes have been, If the sweetest , HIS have seen!”</p> <p>III. But all changes. <b>At this vesper</b>, <b>Cold the sun shines down the door</b>. If you stood there, would you whisper “<b>Love, I love you</b>,” as before,-- Death pervading Now, and shading Eyes you sang of, that yestreen, As the sweetest ever seen?</p> <p>IV. Yes. I think, <b>were you beside them</b>, Near the bed I die upon, Though their beauty you denied them, <b>As you stood there, looking down</b>, You would truly Call them duly, For the love's sake found therein, “Sweetest eyes, were ever seen.”</p> <p>V. <b>And if you looked down upon them</b>, And if <b>they</b> looked up to <b>you</b>, All the light which has foregone them Would be gathered back anew: They would truly Be as duly <b>Love-transformed to beauty's sheen</b>, “Sweetest eyes, were ever seen.”</p> <p>VI. But, ah me! you only see me, In <b>your thoughts of loving man</b>, Smiling <b>soft</b> perhaps and dreamy Through the wavings of my fan; And unweeting <b>Go repeating</b>, <b>In your reverie serene</b>, “Sweetest eyes, were ever seen----”</p>	<p>II Quando te ouvi cantar esse bordão <b>Nos meus de primavera alegres dias</b>; <b>Todo</b> alheio louvar tendo por vão Só dava ouvidos ao que tu dizias – <b>Dentro em mim</b> Dizendo assim: “Ditosos olhos de que disse ao vô-lo: <b>O lindo ser dos vossos olhos belos.</b>”</p> <p>III Mas tudo muda. <b>Nesta tarde fria</b> O sol bate na porta <b>sem calor</b>. Se estivesses aí murmuraria <b>Como dantes tua voz</b> – “<b>amo-te, amor</b>”; A morte chega E já cega Os olhos que ontem eram teus desvelos <b>O lindo ser dos vossos olhos belos.</b></p> <p>IV Sim. Creio que <b>se a vô-lo</b> te encontrasses <b>Agora</b>, ao pé do leito em que me fino, Ainda que a beleza lhes negasses, <b>Só pelo amor que neles eu defino</b> Com verdade E ansiedade Repetirias, meu amor, ao vô-lo: <b>O lindo ser dos vossos olhos belos.</b></p> <p>V <b>E se neles pusesse teu olhar</b> E eles pusessem seu olhar no teu, Toda a luz que começa a lhes faltar Voltaria de pronto ao lugar seu. Com verdade E ansiedade Dir-se-ia como tu dissesse ao vô-lo: <b>O lindo ser dos vossos olhos belos.</b></p> <p>VI Mas – ai de mim! – tu não me vês senão Nos <b>pensamentos teus</b> de amante ausente, E sorrindo talvez, sonhando <b>em vão</b>, Trás o abanar do leque <b>levemente</b>; E, sem pensar, <b>Em teu sonhar</b> Irás talvez dizendo sempre ao vô-lo: <b>O lindo ser dos vossos olhos belos.</b></p>
--	---

<p>VII.</p> <p>While my spirit leans and reaches  <b>From my body still and pale,</b>  Fain to hear what tender speech is  In your love to help my bale.  O my poet,  Come and show it!  Come, of latest love, to glean  “Sweetest eyes, were ever seen.”</p>	<p>VII</p> <p>Enquanto o meu espírito se debruça  <b>Do meu pálido corpo sucumbido,</b>  Ansioso de saber que falas usa  Teu amor p'ra meu espírito ferido,  Poeta, <b>vem</b>  Mostrar <b>bem</b>  Que amor trazem aos olhos teus desvelos  – <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p>
<p>VIII.</p> <p>O my poet, O my prophet,  When you praised their sweetness so,  Did you think, in singing of it,  That it might be near to go?  Had you fancies  From their glances,  That the grave would quickly screen  “Sweetest eyes, were ever seen”?</p>	<p>VIII</p> <p>Ó meu poeta, ó meu profeta, <b>quando</b>  <b>Destes olhos louvaste</b> o lindo ser,  Pensaste <b>acaso</b>, enquanto ias cantando,  Que isso já estava prestes de morrer?  Seus olhares  Deram-te ares  De que breve podias não maisvê-los,  <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p>
<p>IX.</p> <p>No reply. The fountain's warble  In the courtyard sounds alone.  As the water to the marble  So my heart falls with a moan  From love-sighing  To this dying.  Death forerunneth Love to win  “Sweetest eyes, were ever seen.”</p>	<p>IX</p> <p>Ninguém responde. <b>Só suave, defronte,</b>  No pátio a <b>fonte</b> canta <b>em solidão</b>,  E como água no mármore da <b>fonte</b>,  <b>Do amor p'ra a morte cai meu coração.</b>  E é da sorte  Que seja a morte  E não o amor, que ganhe os teus desvelos –  <i>O lindo ser dos vossos olhos belos!</i></p>
<p>X.</p> <p>Will you come? When I'm departed  Where all sweetesses are hid,  Where thy voice, my tender-hearted,  Will not lift up either lid.  Cry, O lover,  Love is over!  Cry, beneath the cypress green,  “Sweetest eyes, were ever seen!”</p>	<p>X</p> <p>E tu nunca virás? Quando eu me for  Onde as doçuras estão escondidas,  E onde a tua voz, ó meu amor,  Não me abrirá as pálpebras <b>descidas</b>,  Dize, amor meu,  “O amor, morreu!”  <b>Sob o cipreste chora</b> os teus desvelos –  <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p>
<p>XI.</p> <p>When the angelus is ringing,  Near the convent will you walk,  And recall the choral singing  <b>Which brought angels down our talk?</b>  Spirit-shriven  I viewed Heaven,  Till you smiled--"Is earth unclean,  Sweetest eyes, were ever seen?"</p>	<p>XI</p> <p>Quando o angelus toca à oração,  Não passarás ao pé deste convento,  Lembrando-te, a <b>chorar</b>, do cantochão  <b>Que anjos traziam-nos do firmamento?</b>  No ardor meu  Eu via o céu  E tu: “O mundo é vil, ó meus desvelos,  <i>Ao lindo ser dos vossos olhos belos?</i>”</p>

<p>XII.</p> <p><b>When beneath the palace-lattice</b>      You ride <b>slow</b> as you have done,  <b>And you see a face there</b> that is  <b>Not</b> the old familiar one,--      Will you oftly      Murmur softly,      "Here ye watched me morn and e'en,      Sweetest eyes, were ever seen!"</p>	<p>XII</p> <p><b>Devagar quando, do palácio ao pé,</b>      Cavalgares, como antes, <b>suave e rente,</b>  <b>E ali vires um rosto</b> que <b>não é</b>      O que vias ali antigamente,      Dirás talvez      "Tanta vez      Me esperaste aqui, ó meus desvelos      Ó lindo ser dos vossos olhos belos!»</p>
<p>XIII.</p> <p>When the palace-ladies, <b>sitting</b>  <b>Round your gittern</b>, shall have said,  <b>"Poet, sing</b> those verses written      For the lady who is dead,"      Will you tremble      Yet dissemele,--      Or sing <b>hoarse</b>, with <b>tears</b> between,      "Sweetest eyes, were ever seen?"</p>	<p>XIII</p> <p>Quando as damas da corte, <b>arfando os peitos</b>,      Te disserem, <b>olhando o gesto teu</b>,  <b>"Canta-nos, poeta</b>, aqueles versos feitos      Áquela <b>linda</b> dama que morreu",      Tremerás?      Calar-te-ás?      Ou cantarás, <b>chorando</b>, <b>os teus desvelos</b>      – <i>O lindo ser dos vossos olhos belos?</i></p>
<p>XIV.</p> <p>"Sweetest eyes!" how sweet in flowings      The repeated cadence is!  <b>Though you sang a hundred poems</b>,      Still the best one would be this.      I can hear it      'Twixt my spirit      And the earth-noise intervene--      "Sweetest eyes, were ever seen!"</p>	<p>XIV</p> <p>"Lindo ser de olhos belos!" Suaves frases      E deliciosas quando eu as repito!  <b>Cem poesias outras que cantasses</b>,      Sempre nesta a melhor terias dito.      Sinto-a calma      Entre a minha alma      E os rumores da terra – pesadelos: –  <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p>
<p>XV.</p> <p>But the priest waits for the praying,      And the choir are on their knees,  <b>And the soul must pass away in</b>      Strains more solemn-high than these.  <i>Miserere</i>      For the weary!      Oh, no longer for Catrine      "Sweetest eyes, were ever seen!"</p>	<p>XV</p> <p><b>Mas reza o padre junto à minha face</b>,      E o coro está de joelhos <b>todo em prece</b>,  <b>E é forçoso que a alma minha passe</b>  <b>Entre</b> cantos de dor, e não como esse.  <i>Miserere</i>      P'los que fere      O mundo, e p'ra Natéria, os teus desvelos      – <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p>
<p>XVI.</p> <p>Keep my riband, <b>take</b> and keep it,      (I have loosed it from my hair)      Feeling, while you overweep it,      Not alone in your despair,      Since with saintly  <i>Watch unfaintly</i>      Out of heaven shall o'er you lean      "Sweetest eyes were ever seen."</p>	<p>XVI</p> <p>Guarda esta fita que te mando, guarda...      (Tirei-a dos cabelos <b>para ti</b>).      Sentir-te-ás, quando o teu choro arda,      Acompanhado na tua dor por mi;      Pois com pura  <i>Alma imperjura</i>  <b>Sempre</b> do céu te olharão <b>teus desvelos</b>      – <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p>

<p>XVII.</p> <p><b>But</b>--but now--<b>yet unremoved</b>  <b>Up to heaven</b>, they glisten fast;  <b>You may cast away</b>, Beloved,  In your future all my past:  Such old phrases  May be praises  For some fairer bosom-queen--  "Sweetest eyes, were ever seen!"</p> <p>XVIII.</p> <p><b>Eyes of mine, what are ye doing?</b>  <b>Faithless, faithless</b>,--praised amiss  If a tear be of your showing,  Dropt for any hope of HIS!  Death has boldness  Besides coldness,  If unworthy tears demean  "Sweetest eyes, were ever seen."</p> <p>XIX.</p> <p>I will look out to his future;  I will bless it till it shine.  Should he ever be a suitor  Unto sweeter eyes than mine,  Sunshine gild them,  Angels shield them,  Whatsoever eyes terrene  Be the sweetest HIS have seen!</p> <p><b>ACRÉSCIMOS</b>  <b>OMISSÕES</b>  <b>MUDANÇAS</b>  <u><b>NOÇÕES DIFERENTES</b></u>  <b>INVERSÕES</b>  <b>DUPICAÇÕES</b>  <b>DESLOCAMENTOS</b>  <u><b>EXPLICITAÇÕES</b></u></p>	<p>XVII</p> <p>Mas agora, <b>esta terra inda os prendendo</b>,  Desses olhos o brilho é inda alado...  <b>Amor, tu poderás encher, querendo</b>,  Teu futuro de todo o meu passado,  E tornar  A cantar  A outra dama ideal dos teus desvelos:  <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p> <p>XVIII</p> <p><b>Mas que fazeis, meus olhos, ó perjuros!</b>  <b>Perjuros</b> ao louvor que ele vos deu,  Se esta hora mesmo vos não mostrais puros  De lágrima que acaso vos encheu?  Será forte  Choro ou morte  Se indignos os tornar de teus desvelos  – <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p> <p>XIX</p> <p>Seu futuro encherá meu 'spírito alado  No céu, e abençoá-lo-ei dos céus.  Se ele vier a ser enamorado  De olhos mais belos do que os olhos meus,  O céu os proteja,  Suave lhes seja  E possa ele dizer, sincero, ao vê-los:  <i>O lindo ser dos vossos olhos belos.</i></p>
---	---